

CAPÍTULO 1

Clarke

A porta de correr se abriu, e Clarke soube que era hora de morrer.

Seus olhos se fixaram nas botas do guarda, e ela se preparou para a descarga de medo, a inundação de pânico desesperado. Mas, enquanto se apoiava sobre o cotovelo, desgrudando sua camisa da cama encharcada de suor, tudo o que sentiu foi alívio.

Ela tinha sido transferida para uma cela individual depois de atacar um guarda, mas, para Clarke, não existia algo como uma solitária. Ela ouvia vozes em todos os lugares. Elas a chamavam dos cantos de sua cela escura. Preenchiam o silêncio entre as batidas de seu coração. Gritavam das mais profundas reentrâncias de sua mente. Não era a morte o que ela desejava, mas, se aquela fosse a única forma de silenciar as vozes, então estava preparada para tal.

Ela tinha sido Confinada por traição, mas a verdade era muito pior do que qualquer um poderia imaginar. Mesmo se, por algum milagre, ela fosse perdoada em seu rejugamento, não haveria um verdadeiro indulto. Suas lembranças eram mais opressivas do que as paredes de qualquer cela.

O guarda limpou a garganta enquanto transferia o peso de um pé ao outro:

— Prisioneira número 319, por favor, levante-se.

Ele era mais novo do que ela tinha esperado, e seu uniforme ficava folgado em seu corpo magro, entregando seu status de recruta recente. Alguns meses de rações militares não foram suficientes para fazer sumir o fantasma da subnutrição que assombrava as pobres naves externas da Colônia, Walden e Arcadia.

Clarke respirou fundo e se colocou de pé.

— Estique seus braços — disse ele, tirando um par de algemas do bolso de seu uniforme azul. Clarke tremeu quando a pele dele roçou na sua. Ela não via outra pessoa desde que a tinham trazido para a nova cela, muito menos tocado numa. — Estão muito apertadas? — perguntou, seu tom brusco abrandado por uma nota de piedade que fez o peito de Clarke doer. Há muito tempo nenhuma pessoa além de Thalia, sua antiga companheira de cela e única amiga no mundo, lhe mostrava alguma compaixão.

Ela balançou a cabeça. Ele prosseguiu:

— Apenas sente-se na cama. O doutor está a caminho.

— Vão fazer isso aqui? — perguntou Clarke com a voz rouca, as palavras arranhando sua garganta.

Se um médico estava vindo, significava que estavam dispensando seu rejugamento. Aquilo não deveria ser uma surpresa. De acordo com a lei da Colônia, adultos eram executados imediatamente após a condenação e menores eram confinados até completarem 18 anos, quando recebiam uma última chance de se defenderem. Mas ultimamente as pessoas estavam sendo executadas horas depois de seus rejugamentos por crimes que, há alguns anos, teriam sido perdoados.

Ainda assim, era difícil acreditar que eles realmente fariam aquilo em sua cela. De uma forma perversa, ela estava contando com uma última caminhada até o hospital em que

passou tanto tempo durante seu estágio médico — uma última chance de vivenciar algo familiar, mesmo que fosse apenas o cheiro do desinfetante e o zumbido do sistema de ventilação — antes de perder a capacidade de sentir para sempre.

O guarda falou sem olhar em seus olhos:

— Preciso que você se sente.

Clarke deu alguns passos curtos e se empoleirou rigidamente na borda da cama estreita. Embora ela soubesse que a solitária distorcia sua percepção do tempo, era difícil acreditar que estava ali, sozinha, há quase seis meses. O ano que ela tinha passado com Thalia e a terceira companheira de cela, Lise — uma garota com a expressão fechada que sorriu pela primeira vez quando levaram Clarke embora —, tinha parecido uma eternidade. Mas não havia outra explicação. Hoje tinha que ser seu aniversário de 18 anos, e o único presente esperando por Clarke era uma seringa que paralisaria seus músculos até que seu coração parasse de bater. Depois disso, seu corpo sem vida seria lançado no espaço, como era o costume na Colônia, deixado para vagar infinitamente pela galáxia.

Um vulto apareceu na porta, e um homem alto e esbelto entrou na cela. Embora o cabelo grisalho na altura dos ombros cobrisse parcialmente o broche no colarinho de seu jaleco, Clarke não precisava da insígnia para reconhecê-lo como o consultor-chefe de medicina do Conselho. Ela tinha passado a maior parte do ano anterior ao confinamento à sombra do Dr. Lahiri, e não era capaz de contar o número de horas que tinha ficado ao seu lado durante cirurgias. Os outros aprendizes invejavam a posição de Clarke e tinham se queixado de nepotismo ao descobrirem que o Dr. Lahiri era um dos amigos mais próximos de seu pai. Pelo menos tinha sido antes de seus pais serem executados.

— Olá, Clarke — disse ele de forma agradável, como se a estivesse cumprimentando no refeitório do hospital e não numa cela de detenção. — Como você está?

— Melhor do que estarei em alguns minutos, imagino.

O Dr. Lahiri costumava rir do humor negro de Clarke, mas dessa vez ele franziu a testa e se virou para o guarda:

— Você pode tirar as algemas e nos dar um momento, por favor?

O guarda se moveu de forma desconfortável:

— Não devo deixá-la desacompanhada.

— Você pode esperar do lado de fora da porta — falou o Dr. Lahiri, com uma paciência exagerada. — Ela é uma garota desarmada de 17 anos. Acho que serei capaz de manter tudo sob controle.

O guarda evitou os olhos de Clarke enquanto removia as algemas. Ele assentiu rapidamente para o Dr. Lahiri enquanto saía da cela.

— Você quis dizer que sou uma garota desarmada de 18 anos — disse Clarke, forçando o que ela achou ser um sorriso. — Ou você está se transformando num daqueles cientistas malucos que nunca sabem em que ano estamos?

Seu pai era assim. Ele se esquecia de programar as luzes circadianas em seu apartamento e acabava indo trabalhar às 4h da manhã, muito envolvido com sua pesquisa para notar que os corredores da nave estavam desertos.

— Você ainda tem 17 anos, Clarke — falou o Dr. Lahiri, da forma calma e lenta que ele normalmente reservava a pacientes acordando de uma cirurgia. — Você está na solitária há três meses.

— Então o que você está fazendo aqui? — perguntou ela, incapaz de dominar o pânico que surgia em sua voz. — A lei diz que vocês têm que esperar até eu ter 18 anos.

— Houve uma mudança de planos. Isso é tudo que fui autorizado a dizer.

— Então você tem autorização para me *executar*, mas não para falar comigo? — Ela se lembrou de observar o Dr. Lahiri durante o julgamento de seus pais. Naquela época, ela tinha lido sua expressão carrancuda como uma mostra de sua reprovação ao processo, mas agora não tinha mais certeza. Ele não tinha se manifestado em defesa deles. Ninguém tinha. Ele tinha simplesmente ficado sentado ali calado enquanto o Conselho declarava que seus pais, dois dos mais brilhantes cientistas de Phoenix, tinham violado a Doutrina Gaia, as regras estabelecidas depois do Cataclismo para garantir a sobrevivência da raça humana. — E quanto aos meus pais? Você os matou também?

O Dr. Lahiri fechou os olhos, como se as palavras de Clarke tivessem se transformado em algo visível. Algo grotesco.

— Não estou aqui para matá-la — disse ele, calmamente. Ele abriu os olhos e então apontou para o banco no pé da cama de Clarke. — Posso? — Quando Clarke não respondeu, o Dr. Lahiri seguiu adiante e se sentou para ficar de frente para ela :— Posso ver seu braço, por favor?

Clarke sentiu seu peito se contrair e se forçou a respirar. Ele estava mentindo. Aquilo era cruel e perverso, mas tudo acabaria em um minuto.

Ela esticou o braço na direção dele. O Dr. Lahiri colocou a mão no bolso de seu jaleco e tirou um pano que tinha cheiro de antisséptico. Clarke se arrepiou quando ele o esfregou na parte interna de seu braço.

— Não se preocupe. Isso não vai doer.

Clarke fechou os olhos.

Ela se lembrou da expressão angustiada com que Wells tinha olhado para ela enquanto os guardas a escoltavam para

fora das câmaras do Conselho. Embora a raiva que tinha ameaçado consumi-la durante o julgamento tivesse há muito tempo se esgotado, pensar em Wells enviou uma nova onda de calor por seu corpo, como uma estrela agonizante emitindo um último raio de luz antes de se apagar e se transformar em nada.

Seus pais estavam mortos, e era tudo culpa dele.

O Dr. Lahiri segurou o braço dela, seus dedos procurando a veia.

Até breve, mãe e pai.

Ele segurou mais firme. Estava na hora.

Clarke respirou fundo ao sentir uma picada na face interna de seu pulso.

— Pronto. Você está preparada.

Os olhos de Clarke se abriram rapidamente. Ela olhou para baixo e viu um bracelete de metal preso em seu braço. Ela passou o dedo sobre ele, se encolhendo ao sentir o que parecia ser uma dúzia de pequenas agulhas pressionando contra sua pele.

— O que é isso? — perguntou ela freneticamente, se afastando do médico.

— Apenas relaxe — respondeu ele com uma indiferença irritante. — É um transmissor vital. Ele vai acompanhar sua respiração e a composição de seu sangue, recolhendo todo tipo de informação relevante.

— Informação relevante para quem? — perguntou Clarke, embora ela já pudesse sentir o tipo de resposta na massa crescente de terror em seu estômago.

— Tivemos alguns progressos empolgantes — falou o Dr. Lahiri, soando como uma imitação vazia do pai de Wells, o Chanceler Jaha, fazendo um de seus discursos do Dia da Lembrança. — Você deveria estar muito orgulhosa. É tudo por causa de seus pais.

— Meus pais foram executados por traição.

O Dr. Lahiri olhou para ela com desaprovação. Há um ano, aquilo teria feito Clarke se encolher de vergonha, mas agora ela mantinha seu olhar firme.

— Não estrague isso, Clarke. Você tem uma chance de fazer a coisa certa, de compensar pelo crime escandaloso de seus pais.

Um estalo seco foi ouvido quando o punho de Clarke se chocou contra o rosto do médico, seguido de um som oco quando a cabeça do homem bateu na parede. Segundos depois, o guarda apareceu e torceu as mãos de Clarke nas costas dela.

— O senhor está bem? — perguntou ele.

O Dr. Lahiri se sentou lentamente, esfregando seu maxilar enquanto examinava Clarke com uma mistura de raiva e prazer:

— Pelo menos sabemos que você será capaz de se garantir entre os outros delinquentes quando chegar lá.

— Chegar aonde? — grunhiu Clarke, tentando se soltar das mãos do guarda.

— Estamos esvaziando o centro de detenção hoje. Uma centena de criminosos sortudos vai ter a chance de fazer história. — Os cantos de sua boca se contorceram num sorriso malicioso. — Você vai para a Terra.